

## Velhices femininas, memória social e avosidade

### Resumo

O processo de envelhecimento feminino e a vivência da avosidade é um elemento central na discussão sobre a sociedade patriarcal e as suas manifestações. Desta forma, este artigo tem por objetivo realizar uma reflexão sobre velhices femininas e sua relação com a avosidade, sintetizando discussões a partir da construção da tese “a visibilidade de mulheres idosas na contemporaneidade: construindo perspectivas sobre novos conceitos de avosidades”. Pretende-se, portanto, ressaltar a importância do envelhecimento feminino numa perspectiva crítica, possibilitando, assim, a reflexão sobre as opressões históricas vividas nas sociedades patriarcais e, assim, fomentar respostas através da abordagem interseccional, entrelaçada à discussão de avosidades, memória e identidade social. Com este artigo, almeja-se contribuir teoricamente para os estudos relacionados, numa abordagem multidimensional das velhices na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** velhices; femininas; avosidade; memória social.

### Raquel da Silva Pavin

Mestra em Política Social e Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle - UNILASALLE. Bolsista PROSUC/CAPES.

Brasil

pavinraquel@gmail.com

[orcid.org/0000-0003-3650-7543](https://orcid.org/0000-0003-3650-7543)

[lattes.cnpq.br/2531922563080390](https://lattes.cnpq.br/2531922563080390)

### Tamara Cecilia Karawejczyk Telles

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora da Universidade La Salle – UNILASALLE.

Brasil

tamaraktelles1310@gmail.com

[orcid.org/0000-0003-3873-9858](https://orcid.org/0000-0003-3873-9858)

[lattes.cnpq.br/7244270614079223](https://lattes.cnpq.br/7244270614079223)

### Para citar este artigo:

PAVIN, Raquel da Silva; TELLES, Tamara Cecília Karawejczyk. Velhices femininas, memória social e avosidade. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0107, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0107>

## Female oldness: social memory and grandmothering

### Abstract

The process of female aging and the experience of grandmotherhood is a central element in the discussion of patriarchal society and its manifestations. Therefore, this article aims to reflect on female old age and its relationship with grandparenthood, synthesizing discussions based on the construction of the thesis “the visibility of elderly women in contemporary times: building perspectives on new concepts of grandparenthood”. It also intends to emphasize the importance of female aging in a critical perspective, thus enabling reflection on the historical oppressions experienced in patriarchal societies. And so encouraging responses through the intersectional approach intertwined with the discussion of grandparents, memory and social identity. This article aims to contribute theoretically to related studies in a multidimensional perspective of old age in contemporary times.

**Keywords:** oldness; female; grandmothering; social memory.

## 1 Introdução

Este artigo problematiza as questões contidas no processo de envelhecimento feminino e a vivência da avosidade, tendo como elemento central a discussão sobre a sociedade patriarcal e as suas manifestações. O seu objetivo é provocar a reflexão acerca do importante papel social que mulheres idosas avós ocupam na sociedade contemporânea.

A discussão articula as relações de gênero, que estão imbricadas na velhice em seus comportamentos, na construção de suas identidades e nas relações sociais que estabelecem. Para a produção dessas reflexões são trazidas algumas categorias teóricas contidas no projeto de tese já mencionado. Estas abordam a discussão de gênero e velhices, o paradigma patriarcal, a abordagem interseccional, as relações geracionais e a interface da discussão sobre avosidade, memória e identidade social.

Trata-se de uma revisão bibliográfica, na qual foram elencados alguns estudos já publicados. Dentre esses, alguns mais antigos e outros mais recentes sobre a temática, possibilitando, assim, amplitude à discussão e também propiciando ao pesquisador analisar as categorias centrais do seu estudo, dando maior consistência teórica à pesquisa em desenvolvimento.

Dessa forma, os estudos trazidos no presente texto abordam as relações existentes entre velhice e avosidade. As questões de gênero permitem refletir acerca da velhice feminina, considerando relevante e urgente a temática. Pretende-se, dessa maneira, evidenciar esses conceitos de forma entrelaçada e, com isso, dar maior visibilidade à multidimensionalidade das velhices femininas e despertar a necessária pauta sobre o protagonismo feminino como forma de resistir às opressões históricas vividas por essas mulheres.

## 2 Gênero e velhices

Nesta seção serão tratados assuntos relacionados à discussão de gênero e às velhices de forma complementar e como auxílio para refletir sobre o envelhecimento

feminino na sociedade contemporânea. Conforme abordam Connell e Pearse (2015), é importante pensar o conceito de gênero de forma ampliada.

A partir de uma divisão biológica entre homens e mulheres, define-se gênero como diferenças sociais ou psicológicas que correspondem a essa divisão, sendo construídas sobre ela ou causadas por ela. Em um uso mais comum, então, o termo “gênero” significa a diferença cultural entre mulheres de homens, baseada na divisão entre fêmeas e machos. A dicotomia e a diferença são as substâncias dessa ideia os homens são de Marte as mulheres de Vênus. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 46)

Ao abordar o gênero, considerando uma diferença cultural entre mulheres e homens, devem-se considerar, também, as relações sociais dentro dessa discussão na qual indivíduos e grupos atuam. Afirmam Connell e Pearse (2015, p. 47): “o gênero deve ser entendido como uma estrutura social”, devendo se desprender da concepção biológica binária, que tende a fixar uma moralidade em relação ao caráter humano e esta acaba se reproduzindo nos padrões sociais conservadores.

A discussão proposta alerta para a necessidade de reflexão sobre a pluralidade teórica que deve abarcar tal discussão, rompendo com a rigidez conceitual. Além disso, e em nível macrossocial, aborda-se o quão urgente nos rearranjos sociais é a problematização a respeito dos corpos e a diversidade destes na representação social, no que tange a discussão de gênero.

Essa ideia provoca a ruptura na concepção do “lidar” com gênero e a urgente ressignificação das questões atreladas a como a sociedade “lida” com os corpos e desejos. Trazendo a necessidade dessa discussão para um patamar democrático, frente a essa esfera coletiva que pressupõe a pauta em um viés social, econômico e político, os apontamentos aqui expressados dão destaque para o conjunto de estudos realizados, em que as mulheres são minoria na esfera política e as que chegam a postos de representatividade ficam nos que são voltados às áreas da assistência social e ou educação, demarcando uma forte discussão dos papéis sociais esperados e direcionados a serem executados por estas.

São marcadas, também, pelo estigma social das profissões voltadas às áreas domésticas e nas prestações de cuidados. Para que se possa intensificar e relacionar a discussão com o tema, retoma-se a obra *A Velhice*, de Simone de Beauvoir, escrita nos anos 70, quando a própria autora estava vivendo essa fase da vida, e traz aspectos muito relevantes em relação à crítica da sociedade capitalista no que se refere ao corpo envelhecido e à representação da velhice dos trabalhadores.

Para Beauvoir (1990), a sociedade capitalista, com sua sede pelo lucro e exploração, fortalece a expansão e a conspiração do silêncio em relação à velhice: "Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso sobre o qual é indecente falar" (BEAUVOIR, 1990, p. 6). Beauvoir salienta que a economia, via lógica da lucratividade, utiliza-se da vitalidade dos trabalhadores(as) para sua multiplicação e que, quando envelhecidos(as), são "jogados fora" (BEAUVOIR, 1990, p. 7). A dinâmica ainda é mais perversa quanto aos corpos envelhecidos, pois não possuem potência econômica e não dispõem de recursos para fazer valer seus direitos: "os capitalistas têm todo o interesse em destruir a solidariedade entre trabalhadores e inativos, de modo que estes não sejam defendidos por ninguém" (BEAUVOIR, 1990, p. 8). Para a autora, qualquer manifestação de resistência manifestada pelos "velhos" é entendida como escândalo aos olhos dos mais jovens; "é como se o velho tivesse a obrigação de dar exemplo de todas as virtudes [...]" (BEAUVOIR, 1990, p. 8).

De encontro a esse imaginário social da velhice como a fase da vida dos "exemplos", tem-se também atrelada à imagem sublimada de que todos que vivem a velhice são "sábios aureolados de cabelos brancos, dotados de rica experiência veneráveis, pairando muito acima da condição humana" (BEAUVOIR, 1990, p. 8). Quando vistos como contrários a essa representação, quase que angelical, são estigmatizados.

Para pensar a velhice com dignidade, Beauvoir, em sua obra, nos motiva a refletir sobre três pontos relevantes: será a velhice um fenômeno somente biológico? Essa fase é o fim da vida? Podemos entender a velhice via luta de classes? Esses disparadores motivados pela autora auxiliam na reflexão sobre as distintas velhices, tanto em um contexto mundial quanto brasileiro. Não se pode pensar nas velhices da classe

trabalhadora sem dar visibilidade para essas problemáticas, principalmente quando se pretende analisar sob o viés da discussão de gênero, classe e feminismo.

Dessa maneira, na primeira questão levantada, Beauvoir (1990) salienta que a velhice pressupõe viver mudanças em caráter biológico; o organismo da pessoa passa por modificações, apresentando processos de similitudes, bem como algumas consequências para além das biológicas. Devem-se considerar as mudanças psicológicas, sociais e culturais que essa fase da vida apresenta à pessoa que a vive, ou seja, os seus aspectos multidimensionais: “como todas as situações humanas, ela tem dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a sua própria história.” (BEAUVOIR, 1990, p. 13).

Viver a velhice na sociedade capitalista provoca a reflexão sobre o conjunto de regras e reproduções que estão presentes nessa fase. A autora destaca que precisamos de uma visão crítica a respeito das ideologias que tendem a naturalizar os estigmas sociais, por isso é necessário pautar o “papel do velho na sociedade”. Ressalta, ainda, que a vivência desse período da vida humana deve ser elaborada e refletida de maneira diversa, pois afeta a cada um de forma distinta, considerando as suas incertezas e possibilidades.

É preciso, para além de definições particularizadas, a observação atenta e ampliada acerca de como a velhice se manifesta nos coletivos, considerando os aspectos individuais e biológicos, mas também as pluralidades e os multifatores que a cercam e como estes são experimentados. O grande desafio ainda é romper com a segunda provocação colocada pela autora: A velhice como “fim da vida”.

No momento em que Beauvoir (1970, p. 15) ressalta essa preocupação na introdução de sua obra, menciona um gerontólogo americano e destaca que ele define essa fase da vida como “um processo progressivo de alterações desfavorável, ligado habitualmente à passagem do tempo, tornando-se aparentemente após a maturidade a invariavelmente terminando com a morte”. Nessa definição percebe-se a velhice como o caminho para a morte, sendo uma visão bastante estigmatizante e que reforça ainda mais

os preceitos da lógica do capital, ou seja, o descarte do corpo velho, não produtivo, que quando chega a essa etapa da vida só precisa aguardar seu fim.

Assim, a palavra “declínio” pode manifestar um sentido preciso e ideológico. Beauvoir salienta, também, que os pilares da gerontologia, voltados aos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, ainda estão arraigados em valores positivistas: “não se trata de explicar por que os fenômenos se produzem, mas descrever sinteticamente, com maior exatidão possível, suas manifestações” (BEAUVOIR, 1990, p. 18). É urgente debruçar-se sobre as causas que manifestam os fenômenos vividos na velhice, não somente de forma clínica e corpórea, mas nas manifestações socioeconômicas e considerando a diversidade cultural. Para a autora, a velhice não pode ser pensada como algo imóvel, sem fluidez, mas como resultado de um processo da vida humana e necessita ser pensado na sua totalidade (BEAUVOIR, 1990).

Portanto, sendo a velhice um fato cultural, mas também social e econômico, faz-se necessário trazer a terceira provocação: Podemos entender a velhice via luta de classes? Ela salienta: “[...] se a velhice, enquanto destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que este destino é vivido de maneira variável segundo o contexto social [...]” (BEAUVOIR, 1990, p. 15).

Ao longo da história, até o momento contemporâneo, sabe-se que a sociedade de classes determina e condiciona a maneira pela qual as pessoas vivem ou irão vivenciar a velhice. “Existe um abismo entre o velho escravo e o velho eupátrida, um antigo operário que vive de pensão miserável e um Onassis (abastado)” (BEAUVOIR, 1990, p. 15). Essas pautas devem ser trazidas na discussão da realidade vivida pela classe trabalhadora envelhecida, pois é muito distinto envelhecer sendo uma trabalhadora rural ou ter seu *lôcus* de trabalho em um espaço urbano e, mesmo na cidade, é muito diferente residir na capital ou na periferia.

Além disso, existe uma grande diferença ao se tratar de pessoas idosas, brancas, negras ou indígenas, bem como a discussão de gênero e os atravessamentos de acesso a bens e serviços. Dessa forma, a problematização sobre as velhices pressupõe importantes recortes, pensados via o cruzamento de pontos de vista e as experiências vividas. Esses

elementos são impulsionadores para a discussão a respeito do patriarcado e do feminismo, como será abordado a seguir.

### 3 Paradigma patriarcal e as mulheres idosas

Marcia Tiburi (2021), em sua obra *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*, aponta a reflexão sobre a ideologia patriarcal discutindo o conceito de forma cultural e como ele é arraigado nas instituições sociais. A autora pauta o feminismo como via de desconstrução desses marcadores, tidos como naturais na sociedade capitalista, machista, classista, que reproduz o racismo, LGBTfobia e etarismo, os quais ditam os padrões pelos olhos de uma classe dominante.

A ideologia manifestada e reproduzida pelo patriarcado está diretamente atrelada ao machismo. A mesma autora entende essa segunda categoria como “um modelo de ser que privilegia os machos” (TIBURI, 2021, p. 66) em detrimento dos demais gêneros. O machismo é permeado de ideologias opressoras e, ao mesmo tempo, encontra-se nas esferas da macro e das microestruturas da sociedade e se manifesta na reprodução social, introjetada em homens e mulheres. É uma forma visceral de pensar e atuar, por isso a dificuldade de romper com ele.

Conforme apontam Da Silva e Nunes (2021), a sociedade, em seus moldes convencionais e históricos, define o local de ocupação social das mulheres pela divisão sexual do trabalho, determinando os lugares que pertencem aos homens e às mulheres, demarcando, também, os papéis sociais. Além disso, salientam que a lógica reproduzida socialmente delega aos homens os espaços de poder e autoridade em âmbito público, áreas historicamente ocupadas por estes como espaços de discussão política e manifestação de ideias, ficando, portanto, estabelecido que as mulheres estariam restritas aos espaços privados, impossibilitando a participação em mobilizações sociais e políticas, reproduzindo, assim, a opressão de gênero.

Dessa maneira, em uma concepção feminista crítica, entende-se que o patriarcado deixa marcas de suas raízes históricas e conservadoras no cenário contemporâneo, fortalecendo discursos demarcados pela cultura patriarcal, que define comportamentos,

desejos e opiniões, delimitando e invisibilizando o protagonismo feminino. Em uma perspectiva sobre cultura, a escritora Adichie (2015, p. 48) vai salientar que “[...] a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”. Se refletirmos sobre esse pensamento perante a realidade capitalista, entendendo esse sistema como produtor e reprodutor de manifestações sociais, econômicas, políticas e culturais, é necessário pensarmos como a ordem patriarcal vem atravessando a discussão sobre identidade, em especial aqui, de mulheres idosas (BRITTO DA MOTTA, 2005). Ao elucidar a temática, salienta que, além da identidade de gênero, também se constitui uma identidade geracional, considerando os percursos sociais e as vivências, que são determinantes na forma como se situam na sociedade, de maneira distinta à dos homens, principalmente no que tange às possibilidades de maior autonomia sobre suas vidas, liberdade e, com isso, autorrealização e projetos na velhice.

A ideologia patriarcal e as condições de gênero conduziram diversas gerações de mulheres que, hoje, se apresentam com idades mais avançadas, sujeitando-as ao local de domesticidade, do espaço não público, à inibição ao social e sexual (FARIAS; CASSAB, 2015), criando uma cultura de proibições: aos espaços de escolaridade, restrição dos desejos, à tomada de decisão pelos seus corpos e sexualidade e à proibição da vida política e coletiva. Assim, estas acabaram inserindo-se mais tardiamente no mercado de trabalho e são mulheres privadas por uma vida toda de acessos a serviços e direitos. Tais condições fizeram com que essas, na velhice, tivessem diferentes trajetórias e experiências de vida (BRITTO DA MOTTA, 2011). Para que se consiga aprofundar essas abordagens acerca da discussão de gênero, provoca-se, neste texto, para a discussão sobre a perspectiva interseccional, iniciando um diálogo de aproximação com as velhices femininas.

#### 4 A abordagem interseccional e as velhices femininas

A abordagem interseccional é uma ferramenta analítica que permite compreender as especificidades que atravessam as velhices femininas, dando suporte teórico aos

questionamentos que envolvem a problemática deste artigo. Como aponta Dantas (2021), de forma objetiva, essa ferramenta busca evidenciar e questionar as multiplicidades sociais e culturais de uma sociedade tão complexa.

Como se salienta na obra *Interseccionalidade* (COLLINS; BILGE, 2021), de forma genérica, a categoria pode ser entendida como

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária-entre outras-isto são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021, p. 15-16)

Dessa forma, a interseccionalidade vai dar visibilidade às opressões e desigualdades sociais vividas por indivíduos e grupos sociais que vivenciam processos de vulnerabilidade social, mas também permite que se possa, através desses pontos de intersecção, problematizar e criar respostas, formas de resistir, vias de enfrentamento e justiça social. Para a discussão destes, tem-se, como fontes de inspiração, os estudos de Nogueira (2017), Akotirene (2019), Collins e Bilge (2021) e, para refletir sobre interseccionalidade e geração, Aquino (2017). A interseccionalidade, neste estudo, irá permitir entender como as categorias estão interligadas e se manifestam em distintos níveis de desigualdade social, considerando que estes não acontecem de forma isolada, mas tecem um sistema de opressão que resulta em múltiplas maneiras de discriminação e estereótipos (AKOTIRENE, 2019; NOGUEIRA, 2017).

Ao trazer a discussão sobre mulheres idosas, e as múltiplas formas de vivenciar a velhice e a avosidade, busca-se compreender as experiências que se atravessam, dentre os eixos de opressão nas histórias de suas vidas, considerando os distintos territórios, estereótipos e subordinação que intersectam suas vidas (COLLINS; BILGE, 2021), podendo, através de uma abordagem interseccional crítica, localizar as diferenças

identitárias, visualizando privilégios sociais e materiais a partir das narrativas memoriais. Para Nogueira (2017), na discussão sobre a teoria da interseccionalidade, “o gênero não é um componente isolado da identidade pessoal, a identidade é interseccional” (p. 137). Salienta que identidade e gênero são componentes que caminham juntos com raça, classe, orientação sexual, capacidade física, geração e são de suma importância para refletirmos sobre interseccionalidade de identidade. A autora deixa claro que se faz necessário que sejam pautadas algumas discussões para além do gênero, quando se salienta “pertencas identitárias” (p. 139).

Nogueira (2017) aponta que a categoria “interseccionalidade” nos permite, para além do entendimento teórico, respostas políticas. Complementa:

A teoria da interseccionalidade tem sido a resposta teórica que tem surgido nos últimos anos dentro dos feminismos como resposta a estas questões de diversidade dentro do grupo das mulheres [...]. (NOGUEIRA, 2017, p. 141)

Salienta, ainda, que a contribuição deixada por McCall (2005, p. 142) permite entender e problematizar de forma mais abrangente sobre a “teorização feminista antirracista no que diz respeito à questão de identidade e opressão”. No estudo de Akotirene (2019, p. 38), *Interseccionalidade*, a autora destaca que a categoria de análise permite que “feministas façam a crítica política a fim de compreender a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinação de gênero, de classe e raça e as opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem”. Também ressalta que “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões e combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas [...]” (AKOTIRENE, 2019, p. 61).

Assim, refletir sobre as velhices de mulheres pressupõe a discussão sobre os pontos de intersecção raça, classe e cidadania. Uma vez que estes vão manifestar opressões vividas na velhice, é urgente a abordagem interseccional para um debate crítico sobre o feminismo em uma sociedade tão desigual. Destaca-se, em consonância,

a pauta trazida por Aquino (2017, p. 6), quando evidencia a reflexão sobre “*Geração, gênero, classe e raça: intersecção necessária*”. Em seu estudo, a autora dá ênfase à urgente relação do envelhecimento humano, em especial de mulheres, pois, para a mesma, existe um “silenciamento do marcador geracional”, o que dificulta o fomento de pesquisas e consequentemente ações governamentais. Salienta que se faz necessário pensar esse processo de envelhecer em sociedades desiguais, destacando a diversidade das velhices de forma múltipla e plural.

São essas, em sua maioria, as mulheres que estão à frente das diversas responsabilidades, com netos(as), familiares, componentes principais das redes de apoio e mantenedoras dos lares. Dessa forma, como não pautar a interseccionalidade, para que possamos aprofundar e conhecer quem são as mulheres que envelhecem na realidade brasileira? Aquino (2017) nos auxilia a refletir, exemplificando:

[...] uma mulher negra, idosa e pobre sofrerá com diferente intensidade do machismo em comparação a uma mulher branca e pertencente a uma classe financeiramente abastada, mesmo que idosa. Uma mulher jovem branca sofrerá diferentes opressões que as enfrentadas por uma mulher jovem e negra. Logo, percebe-se que a mulher negra carrega o fardo do racismo aliado ao sexismo, quando idosa esta mesma usuária encontrará, possivelmente, limitações de ordens físicas, psicológicas, ou a soma destas, o que provoca maiores entraves para o atendimento de suas demandas. (AQUINO, 2017, p. 6)

Dessa forma, se faz necessária e urgente a abordagem interseccional crítica, para que se possa problematizar realidades distintas, bem como elaborar formas de resistir a tantas desigualdades; de raça, gênero, orientação sexual, capacidade, cidadania, etnia, nacionalidade, território e geração, pois elas estruturam os terrenos sociais, culturais, econômicos e políticos em que vivemos.

## 5 Relações geracionais

Para a autora Britto da Motta (2012), pensar sobre as relações intergeracionais pressupõe a discussão inicial a respeito das configurações familiares e das mulheres

idosas nessa composição. O retrato que se tem, conforme a autora destaca, é de um novo desenho familiar, no qual existem inúmeras mulheres sós, com extenso tempo de vida e faixa etária e ciclos de vida que precisam ser reformulados e replanejados o tempo todo.

Para a autora:

A família é uma trama de relações sociais as mais básicas, corporificadas em indivíduos que constroem sua identidade de gênero como homens ou como mulheres, de variados grupos de idade que se constituem (ou podem ser vistos) como gerações, e se identificam como crianças, jovens, adultos plenos ou velhos. (BRITTO DA MOTTA, 1998, p. 69)

Este fragmento permite a concepção sobre os membros que podem compor as famílias, bem como a manifestação de suas identidades, as relações etárias, de gênero e de classe.

Nas últimas décadas o jogo de poder entre sexos/gêneros e entre as gerações começou a mudar. Uma consciência cada vez maior, por parte das mulheres, da sua subordinação social, levou-as a se organizarem como grupos, em movimentos feministas, que tiveram o seu caldo de cultura mais propício nas crises e movimentos do final dos anos sessenta, e se fortaleceram ao longo dos anos setenta e oitenta. (BRITTO DA MOTTA, 1998, p. 70)

Ao se fazer essa transversalidade em gênero e classe, a mesma autora nos elucida sobre as mudanças no papel social e na identidade das mulheres na reprodução social via movimentos feministas. Intrinsecamente, essas transformações também provocarão mudanças nos arranjos familiares e nas relações geracionais que, como bem destacado pela autora, estão imbricadas entre pais e filhos, e aqui, em destaque, avós e netos, estas “ambiguidades” entre afetos e desafetos, salienta-se a importância do papel social assumido e protagonizado pela pessoa idosa nos contextos familiares, que se faz central nesta discussão. Dessa forma, podemos refletir sobre a pessoa idosa, autônoma, que, muitas vezes, exerce o papel protetivo e provedor das gerações mais novas, ainda quando empobrecida e à contraposição, da pessoa idosa dependente econômica e/ou

fisicamente que acaba tendo uma desimportância para a sua família, dentro de uma lógica do capital.

Existe uma grande diversidade vivida pela pessoa idosa, em especial mulheres idosas empobrecidas. Para que se consiga refletir sobre, precisam-se pautar as condições sociais, de sexo, gênero, orientação sexual, acessibilidade, renda, classe, questões étnico-raciais e aspectos objetivos e subjetivos. Em consonância com a discussão trazida por Britto da Motta (2012), Beauvoir (1990) vai destacar que a simbologia da pessoa idosa carente e frágil é predominante no sistema capitalista. Uma imagem ambivalente, que situa, mais uma vez, o idoso como sendo sempre o outro. O que muitas vezes fica escondido é que no cenário contemporâneo temos pessoas idosas e, principalmente, mulheres que ocupam papéis sociais de manutenção das relações econômicas e sociais, que são de extrema importância. Conforme destaca Britto da Motta:

A geração pivô é resultado da longevidade, sim, mas também de fatores econômicos e políticos importantes da vida atual, na medida em que as gerações dos filhos e netos têm necessitado do apoio da família, principalmente dos elementos mais idosos, em várias circunstâncias: por desemprego ou precariedade do emprego; por dissolução do casamento; pelo fato de os membros mais velhos serem de uma geração que ainda teve/tem casa própria e proventos de aposentadorias ou pensões que, apesar de escassos, sempre são partilhados. (BRITTO DA MOTTA, 2012, p. 91)

Ante o recorte de gênero e renda, Britto da Motta (1998, p. 75) vai expressar que os homens realizam a contribuição via suas aposentadorias, fruto do trabalho realizado. Já mulheres com idades mais avançadas, com pouca participação no mercado formal, irão contribuir de forma econômica via pensões de viúvas e de maneira informal, com seu trabalho doméstico, muitas vezes desvalorizado socialmente. Outro importante fenômeno é inverso a muitas literaturas e à ruptura com a lógica do “ninho vazio”, pois estes estão cada vez mais cheios e populosos, “com a retomada dos filhos para a casa dos pais idosos, a responsabilização judicial dos avós guardas e provedores das pensões”. Juntamente com essa nova configuração, observa-se o aumento significativo das famílias

monoparentais chefiadas por mulheres; uma realidade vivida devido à longevidade das mulheres, pela viuvez e pela separação de seus parceiros.

Dessa maneira, outro importante contexto que vem se tornando bastante comum, muitas vezes desejado ou não pelas pessoas idosas, é o morar sozinho. A velhice não sendo vivenciada de forma inerte, “[...] não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato psicológico, mas também um fato cultural (BEAUVOIR, 1990, p. 18). Como nos desperta a provocação, a referida autora ressalta que nada é mais previsível e inesperado, ao mesmo tempo, quanto a velhice.

Realizando um salto histórico, mas não desvinculando dos contextos familiares e geracionais, destaca-se a importante pesquisa realizada por Neri (2020), quando retrata o início da pandemia de Covid 19, intitulada: *Onde Estão os Idosos? Conhecimento contra a Covid-19*, a qual foi divulgada no site da Fundação Getúlio Vargas, no mês de abril. Os dados destacam a configuração familiar e os mantenedores dos lares brasileiros, como podemos perceber neste fragmento:

Os idosos são as pessoas de referência ou os chefes de família de 19,3% dos domicílios. Na relação que ocupam com a pessoa de referência da casa, eles são 91,5% dos avós, 69% dos sogros ou sogras e 61,2% dos pais ou mães. (TEIXEIRA; RABELO, 2021, p. 45)

As autoras Teixeira e Rabelo destacam alguns fatores que podem estar atrelados aos dados acima:

Filhas solteiras que podem engravidar e residir com os pais, as gestações infantojuvenis, separação ou divórcio dos filhos(as), viuvez dos avós, que passa a coabitar com os filhos, ou a permanecerem mais com eles, desemprego dos filhos, fator que leva estes a voltarem a residir com os pais [...]. (TEIXEIRA; RABELO, 2021, p. 45)

Deve-se, também, considerar a realidade de avós que passam a cuidar de seus netos para que os pais se voltem aos compromissos profissionais. Esse apoio é fornecido

pelos avós muitas vezes por terem algum tipo de estabilidade financeira ou disponibilidade de maior tempo, exercendo apoio afetivo e acompanhamento educacional. O rearranjo familiar com novas responsabilidades realizadas pelos avós é um tema atual em estudos recentes. Estes vínculos de aproximação entre gerações manifestam a avosidade.

O século XXI tem sido denominado como o século dos avós (CARDOSO, 2011), desvelando uma intensa e complexa relação entre netos e avós, manifestada pelo protagonismo dando um novo formato ao processo de envelhecimento, fortemente ligado às relações sociais e familiares (TEIXEIRA; RABELO, 2021). São múltiplos os papéis que executam: comocuidadores, provedores e pais dos seus pais. Realizam apoio afetivo, social e financeiro para com seus vínculos familiares.

Cardoso e Brito (2014) salientam as diversas formas de manifestação desse apoio. Existem os avós que se responsabilizam por tempo indeterminado e/ou determinado dos netos, os que possuem convivência de final de semana e aqueles que os encontram de forma esporádica. São plurais as formas como os vínculos e periodicidade se manifestam. Assim como as múltiplas representações da avosidade, conforme apontam Teixeira e Rabelo (2021), a maior e mais intensa responsabilização dos avós com seus netos foge do aspecto romântico que essa prática pode soar, vinculado às ficções até então conhecidas. Muitas vezes, os avós desempenham funções no contexto contemporâneo que ultrapassam ações de menor responsabilidade e se tornam os atores centrais no apoio afetivo, material e na formação e auxílio na construção de suas personalidades perante a sociedade.

É notória a importância do aprofundamento sobre a discussão conceitual da avosidade e a sua manifestação na sociedade, pois esse construto começa a fazer maior ressonância na contemporaneidade, devendo ser mais explorado e pesquisado pelas ciências sociais, para que possamos abordar as representações sociais culturais e identitárias e como estas estão diretamente interligadas às relações geracionais e familiares.

## 6 Avosidade, memória e identidade social

A possibilidade de aproximação e aprofundamento em referenciais teóricos possibilitou a ampliação conceitual e o conhecimento de novas percepções sobre o conceito de avosidade. Os estudos sobre a avosidade ganham maior visibilidade no âmbito acadêmico a partir dos anos 80. Dias e Silva (2008) destacam que nos anos 60 já existiam reflexões sobre a relação entre avós e netos. Naquele período, o papel dos avós estava muito relacionado às práticas recreativas. Já nas décadas de 70 e 80, os estudos sobre a temática ganham um sentido voltado às relações e aos contextos familiares, dando dimensão às funções dos avós, como suporte financeiro, afetivo e nos cuidados gerais. Nos anos 90, os estudos se voltam para a representação social dos avós, no que tange ao apoio social em momentos de dificuldades familiares.

Os avanços nas pesquisas e o debate acadêmico e sociocultural permitem que a representação da avosidade não esteja mais atrelada ao imaginário social de pessoas dependentes, inertes em suas cadeiras de balanço, em posse de jornais, cachimbos e agulhas de tricô (como muitas vezes representados nas histórias infantis). As mudanças que ocorrem também nos arranjos familiares, com a saída da mulher para o mercado de trabalho e com as lutas feministas, levam a uma nova configuração de viver esse momento da vida.

Nessa abordagem, muitos avós, no século XXI, considerando um recorte de classe, gênero e escolaridade, são pessoas adultas, não necessariamente são idosas e são elas que dirigem seus automóveis ou ocupam os transportes públicos e levam os netos à escola ou acessam a Internet com (ou sem) ajuda. São as múltiplas faces do processo de envelhecimento humano e do viver a avosidade. Para Ramos (2011), uma pessoa pode ser avó aos 30, 50 ou 70 anos, com ou sem companheiro, morando próximo ou longe dos netos, com condições de saúde diversas, estando ou não aposentado, exercendo sua vida profissional, participando ou não dos cuidados ou cotidiano dos netos.

No contexto contemporâneo, observam-se avós de todas as gerações, que acabam exercendo diversos papéis sociais e nos núcleos familiares (OLIVEIRA, 2011). Por essa razão, é comum que avós que cuidam por tempo integral ou que passam grandes

períodos envolvidos nos cuidados dos netos despertem sentimentos ambivalentes em relação a tal função. Podem encontrar satisfação ao oferecer benefícios aos netos, como trocas de experiências, carinho, atenção ou, também, ônus com o estresse físico e emocional.

Falcão (2012) salienta que, nos anos 2000, foram realizadas pesquisas sobre os avós como responsáveis pelo provimento familiar e como cuidadores dos netos. Esses estudos mostram a transição do desenvolvimento dos anos 90, as funções e papéis dos avós na contemporaneidade e a troca de uma imagem mais autoritária para a de maior afetividade. Para maior compreensão e discussão frente a essas mudanças citadas, destaca-se a conceituação sobre o termo avosidade.

O termo “*abuelidade*” foi criado em 1977, por Paulina Redler, objetivando dar visibilidade à figura dos avós, que estava incluída na estruturação psíquica individual e familiar. A partir de seus estudos sobre psicogerontologia, foi possível a ampliação da visão biológica para além da idade cronológica ao realçar os laços de parentesco que exigem da pessoa idosa, em um novo contexto pessoal, psíquico, familiar e social, do “ser” avô/avó (REDLER, 1986).

Nos estudos de Goldfarb e Lopes (2013), destaca-se que a definição de avosidade não está relacionada somente à idade cronológica ou ao papel social desenvolvido, mas deve considerar as transmissões das funções materna e paterna para as próximas gerações. Para, Freitas *et al.* (2006), são os laços de parentesco que se localizam nas filiações trigeracionais e as funções dos avós na independência destes aceitarem ou não essas funções. No ínterim dessas discussões, alguns autores caracterizam os estilos de avós: existem os avós companheiros, vinculados ao contato mais afetivo, com relações de convivência mais estreitas com os netos, permeadas por cumplicidade e afeto. Também existem os avós “tiranos ou distantes”, os quais são mais formais e reservados nos vínculos com os netos e os avós “envolvidos”, que são aqueles que estabelecem disciplina e limites (CHERLIN; FURSTENBERG, 1985).

Para Robertson (1985), destacam-se quatro formas de classificação dos avós: aqueles que são presentes e harmonizam as situações difíceis familiares; os que ocupam

papéis de proteção da família e estão sempre disponíveis em casos de situações urgentes; o árbitro, que negocia e preserva a família; e os que assumem posturas conservadoras sobre a biografia da família como os transmissores e guardiões da memória e herança das tradições.

Nos estudos de Oliveira (2011) são retratadas as classificações dos avós contemporâneos, salientando que existem aqueles que são os “encarregados” pela criação de seus netos, quando, muitas vezes, substituem as figuras maternas e paternas, e os que podem ser os ditos “passivos”, que participam de atividades específicas da vida dos netos, com menor convivência e responsabilidade diária, seguidos dos que não possuem relações de convivência com os netos. Nesse sentido, o termo avosidade busca dar conta das condições de ser avô ou avó na atualidade, considerando as implicações sociais e psicológicas envolvidas neste processo.

Essa novidade apresenta avanços demográficos ao expressivo aumento da longevidade humana e, conseqüentemente, do maior número de famílias extensas, com diversas gerações em convívio. As relações entre avós e netos têm sido mais frequentes no núcleo familiar, prolongando-se para além da infância desses netos, chegando à adolescência ou indo até a fase adulta.

Com a visibilidade aumentada, tem crescido o interesse da sociedade por problematizar as funções dos avós nas relações familiares. O fenômeno tem provocado um aumento das pesquisas acadêmicas sobre a relação entre avós e netos. Também tem sido mais intensa a atenção à figura dos avós, devido às diversas posições assumidas no universo das relações familiares. Alguns são provedores porque desfrutam de uma boa condição financeira e podem, por isso, ajudar filhos e netos. Outros são dependentes de auxílio financeiro, evidenciando a pluralidade dessa fase da vida.

A relação existente entre a memória social e a avosidade pode ser construída de forma coletiva, nas trocas de conhecimentos e recordações que a avosidade vai criando e, ao mesmo tempo, vão sendo rememoradas. Uma identidade social, permeada por semelhanças e diferenças, vivenciadas e elucidadas por indivíduos e grupos sociais (PAVIN, 2023).

Conforme destaca Halbwachs (2004), o sujeito que recorda é um indivíduo composto e atravessado por construções coletivas e grupos de referência, e a memória é uma construção grupal sem deixar de lado a construção individual, o que dialoga com a vivência da avosidade, sendo, essa experiência, vivida de forma individual, mas também trazendo similitudes coletivas. A memória não precisa ser trazida de forma integral, pois, ao longo dos anos, do curso da vida, damos novos sentidos. Assim como se escolhe, não de forma objetiva, o que se quer ou não relembrar. Essas memórias podem ser manifestadas de forma pessoal ou até mesmo social (PAVIN, 2023).

O construto memória social “não pode ser formulado em moldes clássicos, sob uma forma simples, imóvel, unívoca. Pensamos ao contrário, que se trata de um conceito complexo, inacabado em permanente processo de construção” (GONDAR, 2005, p. 7). Dessa forma, a memória coletiva pode ser entendida como um conceito histórico, composto por um abstrato de informações a uma coletividade, indivíduo, tempo e espaço, o qual se constitui intimamente a partir das memórias, estas tanto particulares, quanto em processo de interação social, contidos, também, na experiência da avosidade.

O que pode ser relacionado ao momento em que uma pessoa torna-se avó, quando é informada da novidade ou até mesmo quando acompanha o nascimento de seu neto(a). “Existe um tempo, dia, ano, lugar, mas também as diversas sensações, sentimentos e as lembranças daquele fato. Esse mesmo acontecimento cria inúmeras projeções, que estão relacionadas aos eventos vivenciados pelos indivíduos. Nesse caso, por avós mulheres” (PAVIN, 2023, p. 16).

A relação existente entre a memória e a identidade possibilita refletir sobre a construção de uma identidade coletiva, está manifestada em sociedade. A identidade coletiva é manifestada por Pollak:

Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou da nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência. (POLLAK, 1992, p. 207)

A construção da identidade coletiva está relacionada à forma como é representada aos outros. Por exemplo, pode ser manifestada ao tornar-se avó.

Este acontecimento na vida de uma mulher atravessa inúmeras lembranças das memórias herdadas, destacando a vivência enquanto neta, mas também na reprodução de um imaginário social, onde, muitas vezes, determina qual identidade deve ter uma avó, com padrões normativos que geram uma série de estereótipos sobre essa personagem. (PAVIN, 2023, p. 17)

A reflexão em relação à memória e identidade social dá essência para se refletir sobre o papel social das avós e a avosidade na atualidade, pois são valores que estão em disputa nas relações intergeracionais.

Os estudos de Woodward (2014) salientam que a identidade assume uma série de aspectos que devem ser considerados. O autor ressalta que “a identidade é relacional [...]” (WOODWARD, 2014, p. 9), ou seja, só se define enquanto identidade por ter uma outra distinta, e esta apresenta contextos para a primeira existir. Podendo ser exemplificada na situação de mulheres idosas que se tornam ou são avós e as que não executam essa função (PAVIN, 2023), existindo uma relação para as identidades se manifestarem. O autor ainda ressalta que “a identidade é marcada por meio de símbolos”, expressões e modelos esperados dessas identidades, “Como uma forma estereotipada, muitas vezes, como é o exemplo da simbologia da avó das histórias infantis” (PAVIN, 2023, p. 17).

Conforme Woodward (2014, p. 14), a identidade está “vinculada a condições e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isto terá efeitos reais, porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais [...]”. Assim, “a própria avosidade pode estar inserida nesta discussão, como se existisse uma regra estabelecida, onde todas as mulheres idosas devessem ser avós e ou sentirem-se realizadas com esta vivência” (PAVIN, 2023, p. 17). Sugere-se refletir: será que não se deve ampliar o leque sobre a referida discussão e entender as identidades e seus processos de mutação, onde existe tempo histórico, movimento e transitoriedade? O

mesmo questionamento provoca, ainda, refletir sobre o curso das identidades, entendendo estas como não estanques.

Dessa forma, as identidades são atravessadas por manifestações subjetivas e individuais e coletivas, desenhadas socialmente. O que, por muitas vezes em sociedades capitalistas e globalizadas acaba formatando as identidades individuais e grupais, gerando, com isso, reproduções de identidades ditas ideais, com tendências estereotipadas e fantasiosas, longe do real vivido. Assim, é necessário considerar as diversidades contidas nas avosidades, destacando fatores de raça, etnia, classe, geração, gênero, diversidade sexual, deficiências, entre outros elementos que constroem identidades plurais.

## 7 Considerações finais

O objetivo deste artigo foi o de realizar uma reflexão sobre velhices femininas e sua relação com a avosidade na contemporaneidade. Considerando o aumento da expectativa de vida de mulheres em relação aos homens, a realidade nos provoca refletir sobre as transformações que ocorrem nas suas vidas e, assim, adentrar a discussão referente ao papel social executado por mulheres idosas na sociedade contemporânea, dando maior ênfase à discussão de avosidade. Nessa direção, mesmo sendo um conceito relativamente novo, é preciso aprofundar os estudos para, de forma desmistificadora, compreender a diversidade vivencial contida nesse construto.

A presente revisão procurou elucidar as temáticas de gênero e velhice sobre o paradigma patriarcal, a abordagem interseccional, as relações geracionais e a interface da discussão acerca de avosidade, memória e identidade social. Os principais achados mostram a necessidade de fomentarmos um olhar amplo e multidimensional em relação às velhices femininas e exaltar a necessária abordagem interseccional sobre avosidades, entrelaçando esses com os aspectos psicológicos, sociais, culturais que possibilitam a construção de uma identidade e memória social.

Exaltar a condição da mulher idosa na realidade contemporânea pressupõe fazer a crítica sobre qual papel ela ocupa e reproduz na sociedade brasileira, dando maior

visibilidade ao momento vivido na avosidade. Pressupõe-se, além disso, fomentar discussões e estudos que rompam com preconceitos acerca da temática e permitam enaltecer o protagonismo feminino que vem sendo construído ao longo dos anos por meio de lutas e resistências.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p. (Coleção Feminismos Plurais)

AQUINO, Raisa Conceição Barbosa de. Geração, gênero, classe e raça: intersecção necessária. **Anais V ENLAÇANDO...** Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31487>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As velhas também. **Ex aequo**, [Lisboa], n. 23, p. 13-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BRITTO DA Motta, Alda. Mulheres entre o cuidado de velhos/as e a reprodução de jovens em famílias no Brasil. **Ex aequo**, [Lisboa], v. 26, p. 87-101, 2012. Disponível: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602012000200008](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200008). Acesso em: 14 fev. 2023.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Pesquisa e relações em campo – subjetividades de gênero e de geração. In: MOTTA, Alda Britto da; AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Márcia (org.). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005. p. 11-25. (Coleção Bahianas, v. 10). Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/reparando.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2023.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Reinventando fases: a família do idoso. **Caderno CRH**, Salvador, p. 69-87, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2498>. Acesso em: 09 fev. 2022.

CARDOSO, Andréia Ribeiro. **Avós no Século XXI: mutações e rearranjos na família contemporânea**. Curitiba: Juruá, 2011. 254 p.

Velhices femininas, memória social e avosidade  
Raquel da Silva Pavin, Tamara Cecília Karawejczyk Telles

CARDOSO, Andréia R.; BRITO, Leila M. T. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 433-441, 2014.

CHERLIN, Andrew; FURSTENBERG JR., Frank F. Styles and strategies of grandparenting. In: BENGTSON, Vern L.; ROBERTSON, Joan F. (eds.). **Grandparenthood**. [New York]: Sage Publications, 1985. p. 97-116.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo. Boitempo, 2021.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

DA SILVA, Leida Cabral Nascimento; NUNES, Iran de Maria Leitão. **Gênero e envelhecimento: as relações desiguais de poder e dominação expressas na violência contra a mulher idosa**. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, JOINPP, 10., 2021, Maranhão. **Anais eletrônicos** [...]. Maranhão: UFMA, 2021. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho\\_submissaoid\\_1129\\_1129612e5a5646a2f.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaoid_1129_1129612e5a5646a2f.pdf). Acesso em: 14 fev. 2023.

DANTAS, Anne Joyce Lima. **Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade**. Orientador: Alúcio Ferreira de Lima. 2021. 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

DIAS, Cristina M. S. B. Pais são para criar e avós para estragar: será. **Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 67-72

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva. A pessoa idosa no contexto da família. **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. São Paulo: Artmed, 2012.

FARIAS, Eduardo Augusto; CASSAB, Latif Antonia. As expressões do patriarcalismo na experiência de mulheres idosas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 7., 2015, Maringá. **Anais** [...]. Maringá: Unespar, 2015. p. 3441-3455. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1441.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GOLDFARB, Delia C.; LOPES, Ruth G. C. Avosidade: a família e as gerações. In: FREITAS, Elizabete V. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 1584-1592.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre a memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 11-26.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

Velhices femininas, memória social e avosidade  
Raquel da Silva Pavin, Tamara Cecília Karawejczyk Telles

MCCALL, Leslie. The complexity of intersectionality. **Signs: Journal of women in culture and society**, Chicago, v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.

NERI, Marcelo. **Onde estão os idosos?** conhecimento contra o Covid-19. [Rio de Janeiro]: FGV social, Centro de Políticas Sociais, 2020. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Pesquisa-Covidage-FGV-Social-Marcelo-Neri.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2023.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Devires, 2017. 130 p.

OLIVEIRA, Maria R. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PAVIN, Raquel da Silva. Reflexões sobre memória social, identidade e avosidades femininas. **Longevidade**, São Paulo, v. 5, n. 17, p. 14-18, mar. 2023. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/issue/view/86/showToc>. Acesso em: 23 mar. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 09 jun. 2022.

RAMOS, Anne Carolina. **Meus avós e eu**: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. 2011. 464 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Ufrgs, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32306>. Acesso em: 26 jan. 2023.

REDLER, Paulina. **Abuelidade**: mas allá de la paternidade. Argentina: Ed. Legasa, 1986.

ROBERTSON, Joan F. **Grandparenthood**. Beverly Hills: Sage Focus, 1985.

TEIXEIRA, Ana Carolina Brochado; RABELO, Sofia Miranda. Avosidade & avoternidade: a coparticipação parental dos avós no direito brasileiro. In: PEREIRA, Tânia da Silva (org.). **Avosidade relações jurídicas entre avós e netos**: relações jurídicas entre avós e netos. Indaiatuba: Foco, 2021. p. 1-418.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosas do Tempo, 2021. 125 p.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 133 p.

Velhices femininas, memória social e avosidade  
Raquel da Silva Pavin, Tamara Cecilia Karawejczyk Telles

### Contribuições de autoria

Raquel da Silva Pavin: conceituação; administração do projeto; escrita – análise e edição.

Tamara Cecilia Karawejczyk Telles: conceituação; administração do projeto; escrita – análise e edição.

Recebido em: 11/08/2022

Aprovado em: 17/03/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 24 - Ano 2023

revistapercursos.faed@udesc.br